

# A ANÁLISE DO PERFIL DE ALVOS NA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA: UMA PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

Guilherme Augusto Rosito \*

## Resumo

Para cumprir com eficácia seu papel de assessoramento, a Inteligência deve ser capaz de compreender cenários, prever ameaças, proteger conhecimentos e manter seus recursos humanos constantemente aprimorados. Para tanto, não pode deixar de considerar o papel da dimensão individual na configuração dos cenários nos quais atua. O presente trabalho propõe um modelo teórico-metodológico voltado à produção de perfis de alvos de Inteligência. O quadro teórico-metodológico utilizado baseou-se no trabalho desenvolvido por Richard Bloom e em de teorias clássicas da Psicologia, com destaque para autores como Bandura, Skinner, Perls, Hefferline & Goodman, Kurt Lewin e Ribeiro. O modelo apresentado estrutura-se em uma sequência de tarefas básicas que devem ser executadas por profissionais de Inteligência, atuando em equipes multidisciplinares, perpassando as áreas de análise e operações. Por fim, são discutidas futuras etapas de validação, além de possíveis aplicações do modelo, com ênfase no estudo de alvos em operações de Inteligência, recrutamento e gerenciamento de fontes humanas.

**Palavras-chaves:** Inteligência, Análise de perfil, Psicologia, Operações de Inteligência, Alvos, Fontes Humanas.

## THE TARGET PROFILE ANALYSIS IN INTELLIGENCE ACTIVITY: A THEORETICAL-METHODOLOGICAL PROPOSAL

### Abstract

*To effectively fulfill its role, Intelligence must be able to understand scenarios, predict threats, protect knowledge, and keep its human resources permanently up to date. To keep up with all those tasks, it cannot undervalue the importance of the human factor for the configuration of the environments and situations covered. This paper, starting from a discussion about the importance of varying the analytical scale, proposes a psychological framework designed for the activity of profiling. The model was based on the works of Richard Bloom, as well as on some classical psychological theories, as, for example, the works of Bandura, Skinner, Perls, Hefferline & Goodman, Kurt Lewin and Ribeiro. The model is presented as a sequence of tasks designed for multidisciplinary teams with backgrounds in both analysis and operations. Validation methods, as well as possible applications in the fields of targeting and human sources are discussed.*

**Keywords:** : Intelligence, Profiling, Psychology, Operations, Targets, Human Sources.

---

\* Oficial de Inteligência da Agência Brasileira de Inteligência, psicólogo e especialista em Psicologia Clínica.

## EL ANÁLISIS DEL PERFIL OBJETIVO EN ACTIVIDAD DE INTELIGENCIA: UNA PROPUESTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

### Resumen

*Para cumplir eficazmente su función, la Inteligencia debe ser capaz de comprender escenarios, predecir amenazas, proteger el conocimiento y mantener permanentemente actualizados sus recursos humanos. Para mantenerse al día con todas esas tareas no se puede menospreciar la importancia del factor humano para la configuración de las situaciones abordadas. Este trabajo, a partir de una discusión sobre la importancia de variar la escala analítica, propone un marco psicológico diseñado para la actividad de elaboración de perfiles. El modelo aquí presentado es fundamentado en las obras de Bloom, así como en algunas teorías psicológicas clásicas, como, por ejemplo, las obras de Bandura, Skinner, Perls, Hefferline & Goodman, Kurt Lewin y Ribeiro. El modelo se presenta en una secuencia de tareas diseñadas para equipos con experiencia tanto en análisis como en operaciones. Se discuten los métodos de validación, como también las posibles aplicaciones en los campos del targeting y de las fuentes humanas.*

**Palabras clave:** *Inteligencia, Elaboración de perfiles, Psicología, Operaciones, Objetivos, Fuentes Humanas.*

## INTRODUÇÃO

A Atividade de Inteligência (AI), no Brasil, é definida em lei como “atividade que objetiva a obtenção, análise e disseminação de conhecimentos dentro e fora do território nacional sobre fatos e situações de imediata ou potencial influência sobre o processo decisório e a ação governamental e sobre a salvaguarda e a segurança da sociedade e do Estado” (Brasil, 1999). A mesma legislação que define a AI também cria o Sistema Brasileiro de Inteligência (Sisbin) e a Agência Brasileira de Inteligência (ABIN), atribuindo a esta a posição de órgão central do Sistema.

Por sua própria natureza, a Inteligência ocupa papel vital no contexto do processo decisório nacional. Marco Cepik afirma que “em geral os governos contam com a atividade de inteligência para reduzir a incerteza nas suas decisões, para aumentar a segurança nacional e para posicionarem-se melhor no sistema internacional” (2003, p. 67). Para cumprir seu papel de assessoramento ao dirigente máximo do país, espera-se que a Inteligência seja capaz de compreender cenários presentes e futuros, prever ameaças e proteger conhecimentos. Tais objetivos implicam alta capacidade de apreensão, compreensão e interpretação da realidade em seus mais variados recortes.

De modo semelhante à Inteligência, as Ciências Sociais se voltam a segmentar, analisar e interpretar a realidade dos fenômenos humanos. No campo da História, por exemplo, é comum adotar-se uma perspectiva global, ampla, levando em conta “os fenômenos maciços, as longas

durações, os espaços vastos” (Revel, 2010, p. 434). Existe também a preocupação em se considerar a perspectiva e a participação dos indivíduos perante as transformações do mundo. A chamada micro-história preocupa-se com a superação de uma visão totalizante.

Nas palavras de Gribaudi, a micro-história coloca “explicitamente o problema do protagonismo social: a necessidade de se individualizar, atribuir peso e demonstrar, para cada indivíduo único, a sua qualidade de agente da História” (2011, p. 14, tradução nossa). Ao particularizar a narrativa, a micro-história aprofunda o entendimento do passado, dos grandes acontecimentos, demonstrando quais os seus impactos na vida dos indivíduos para, só então, colocá-los em perspectiva, reinterpretados diante da visão macro. Para Revel (2010), é importante que os cientistas sociais compreendam a necessidade de se variar as escalas de observação alcançando uma compreensão mais completa sobre os fenômenos humanos.

No campo das Relações Internacionais, a política externa de um país poderia ser vista como o produto da participação dos indivíduos em uma sociedade organizada que interage, mesmo por meio do conflito, para promover seus interesses no cenário internacional. Segundo Moravcsik, “os atores fundamentais em política internacional são indivíduos racionais e grupos privados, que se organizam e interagem para promover seus interesses” (2001, p. 5, tradução nossa). Portanto, compreender os interesses, as motivações e a personalidade de certos indivíduos de destaque seria um caminho interessante

para a análise e a formulação de hipóteses sobre o comportamento futuro de grupos, instituições, países e até mesmo regiões inteiras do Globo.

É a partir desse contexto que a Atividade de Inteligência se vale da análise de perfil. A contribuição trazida pela perspectiva analítica individual é o aprofundamento da compreensão dos fenômenos e a maior completude dos conhecimentos produzidos, por meio da variação da escala defendida por Revel (2010). O presente trabalho parte dessa discussão sobre a utilidade da análise de perfil e propõe um novo modelo teórico-metodológico voltado à produção de perfis de alvos de Inteligência. Para tanto, foram utilizadas teorias clássicas da Psicologia, com destaque para autores como Bandura (2016), Skinner (2005), Perls, Hefferline & Goodman (1997), Kurt Lewin (1936) e Ribeiro (2011). Tais autores, ainda que frequentemente posicionados em polos distintos do espectro das abordagens psicológicas, concordam em um ponto fundamental: o comportamento humano não é aleatório. Enquanto função da interação entre o homem e o meio, ele pode ser estudado, categorizado e até mesmo previsto.

Além disso, o trabalho acompanhou a posição defendida por Bloom (2013), segundo a qual a construção de perfis passa por uma sequência de etapas bastante semelhante ao processo de produção de um Relatório de Inteligência:

*“To arrive at predicting, post-dicting, peri-dicting, understanding, and influencing events of interest constituting profiling, one must collect information, analyze it, produce*

*it in a usable form, transmit it in a secure and responsive fashion, and then act on it. Something like this is often cited as the essence of the intelligence process by intelligence analysts”.* (Bloom, 2013, p. 5).

O estudo dividiu-se em três tópicos complementares. O primeiro destinou-se à apresentação das teorias de base, que sustentarão a formulação de hipóteses sobre o comportamento de um alvo. O segundo apresenta o novo modelo metodológico para a análise de perfil de alvos de Inteligência. O terceiro discute as possíveis aplicações, limitações e etapas subsequentes para validação do modelo apresentado.

## **BASES DO COMPORTAMENTO HUMANO E DA PERSONALIDADE**

### **Behaviorismo Radical**

Skinner foi um dos mais influentes psicólogos do século 20 e um dos pioneiros no estudo científico do comportamento humano. Sua principal premissa era que, embora complexo devido ao seu caráter multifacetado e processual, o comportamento humano era um objeto de estudo como outro qualquer.

*“It is changing, fluid, and evanescent, and for this reason it makes great technical demands upon the ingenuity and energy of the scientist. But there is nothing essentially insoluble about the problems which arise from this fact”.* (Skinner, 2005, p. 15).

Para o behaviorismo radical, proposto por Skinner, o comportamento é modelado a partir de suas consequências, ou seja, os resultados de interações anteriores entre o homem e o meio determinam a

intensificação, ou mesmo a extinção de cada categoria de comportamento. De acordo com o autor, o ambiente apresenta um conjunto de possibilidades as quais, a partir das necessidades do indivíduo, estimulam e configuram o comportamento. As consequências desse comportamento irão determinar se ele aumentará de frequência ou intensidade, ou se deixará de ocorrer. Os termos punição e reforço são utilizados para designar tais consequências.

De modo simples, caso o comportamento aumente de frequência ou intensidade, os behavioristas dizem que ele foi reforçado (Whaley & Mallot, 1980). Caso um comportamento diminua de frequência ou de intensidade, ou deixe de ocorrer, interpreta-se que ele foi punido (Whaley & Mallot, 1981). Por exemplo:

- A criança sente fome e abre o armário, encontra biscoitos e os come (reforço). É provável que seu comportamento de abrir armários aumente de frequência.
- Por outro lado, se a criança abre os armários e encontra uma barata, assusta-se e corre, é provável que o comportamento diminua de frequência (punição).
- Também é possível que a retirada de um reforço coloque o comportamento em processo de extinção (Whaley & Mallot, 1981). Os behavioristas chamam esse processo de punição negativa (subtração de estímulos reforçadores do ambiente). Por exemplo:

- O filho está atirando a comida ao chão e a mãe deixa de dar atenção a ele e guarda um doce que estava sobre a mesa. É provável que o filho interrompa seu comportamento.

- Do mesmo modo, retirar uma punição após determinado comportamento equivale a reforçá-lo (Whaley & Mallot, 1981). É o chamado reforço negativo (subtração de estímulos aversivos do ambiente), por exemplo:

- O prisioneiro começa a cooperar e o policial encarregado da entrevista autoriza a retirada das algemas. É esperado que o comportamento de cooperar aumente de frequência.

Para que o esquema desenhado por Skinner faça sentido, é necessário que as consequências (reforço e punição) ocorram logo após a ocorrência do comportamento estudado. O autor diz que “as consequências do comportamento podem retroalimentar o organismo” (Skinner, 2005, p. 59), modelando seu comportamento.

Desse modo, o ser humano vai moldando seu repertório comportamental a partir do resultado de suas interações com o meio. Conforme se desenvolve, por meio da generalização de estímulos e da modelagem do comportamento, ocorre a adaptação e o aparecimento de respostas complexas perante cada situação apresentada. Essa é a base sobre a qual, segundo o behaviorismo, poderíamos analisar perfil e prever comportamentos. Segundo o autor:

*“A response which has already occurred cannot, of course, be predicted or controlled. We can only predict that similar responses will occur in the future. The unit of a predictive science is, therefore, not a response but a class of responses. The word “operant” will be used to describe this class”.* (Skinner, 2005, p. 64-65).

Analisar perfil seria, portanto, a aquisição de dados sobre o histórico de resultados das interações entre uma pessoa de interesse e os ambientes frequentados por ela ao longo de sua vida. O resultado dessa coleta seriam os chamados operantes, ou seja, a classe de respostas tipicamente adotada pelo alvo em cada situação. Estudando os comportamentos passados e as configurações ambientais nas quais ocorreram, o profissional de Inteligência ganhará a capacidade de prever a ocorrência de respostas da mesma classe em situações futuras.

## **TEORIA DA APRENDIZAGEM SOCIAL**

Albert Bandura trouxe ao campo das ciências do comportamento a noção de aprendizagem guiada por modelo (1971). Para o autor “a maioria dos comportamentos que as pessoas demonstram são aprendidos, seja deliberadamente, seja inadvertidamente, por meio da influência do exemplo” (1971, p. 5, tradução nossa). O homem pode utilizar sua capacidade de criar símbolos, representações e testar possibilidades a partir das suas memórias, das reações afetivas associadas a elas e da capacidade de processamento de seu aparato cerebral.

Além disso, o ser humano é capaz de modular suas ações a partir dessas

representações, não dependendo apenas das consequências reais de suas interações com o mundo para adquirir, modificar ou extinguir um comportamento. Para o analista de perfil, a consequência imediata é a noção de que o sujeito estudado não possui simplesmente um repertório comportamental limitado aos eventos passados, mas toda uma ampla capacidade de formular hipóteses, visualizar resultados e formar novos comportamentos a partir da análise ativa de cada situação.

*“A future state has no material existence, so it cannot be a cause of current behavior acting purposefully for its own realization. But through cognitive representation, visualized futures are brought into the present as current guides and motivators of behavior”.* (Bandura, 2016, p. 4).

Segundo Bandura (1971), a aprendizagem é influenciada pelos modelos comportamentais com os quais o sujeito teve contato ao longo do seu desenvolvimento. Aquilo que é observado, em termos da qualidade do comportamento, o contexto no qual ocorre e suas consequências, molda a ocorrência de respostas semelhantes no observador, de acordo com suas necessidades, interesses e capacidades de processamento e reprodução. Além disso, comportamentos inteiramente novos podem surgir a partir da combinação e do processamento de elementos de diferentes modelos comportamentais. Isso explicaria por que gêmeos, criados na mesma família, sob as mesmas influências, exibem comportamentos diferentes entre si e inovadores em relação aos de seus pais.

O modo para o analista de perfil acessar os modelos e representações de um alvo

é buscar os comportamentos que deles resultam, normalmente materializados na forma do discurso. Portanto, a coleta de dados deveria ter como foco:

- ambientes sociais (lugares e pessoas) frequentados pelo alvo;
- pessoas consideradas significativas pelo alvo (modelos de comportamento);
- discurso do alvo, em diversas situações que guardem relação com o objetivo da análise.

Sobre os modelos de comportamento, Bandura afirma que “aqueles que possuem maior status, prestígio ou poder são muito mais efetivos ao evocar comportamentos compatíveis” (1971, p. 18, tradução nossa). Portanto, um bom parâmetro para o analista de perfil ao selecionar pessoas significativas seria procurar por pessoas com algum grau dessas três características nos círculos sociais do indivíduo estudado.

Por sua vez, a interação entre indivíduo e ambiente é vista na teoria da aprendizagem social como relação dialética, segundo a qual os comportamentos e características do meio são mutuamente influentes e determinantes. Em outras palavras, “longe de serem governadas por um ambiente impositivo, as pessoas exercem um papel ativo na construção de suas próprias contingências por meio de seus modos característicos de resposta” (Bandura, 1971, p. 40).

A análise de perfil, portanto, deverá buscar compreender as contingências ambientais e

o repertório comportamental do indivíduo, de acordo com a teoria behaviorista. Porém, para que não lhe escape a dimensão e a complexidade do comportamento humano, deverá ir adiante, considerando os significados da experiência, os modelos vivenciados e as múltiplas possibilidades das interações sociais. É nessa segunda tarefa que a teoria da aprendizagem social se revela como referência teórica fundamental.

## **ABORDAGEM GESTÁLTICA E MÉTODO FENOMENOLÓGICO**

Segundo a abordagem gestáltica:

“a psicologia é o estudo dos ajustamentos criativos. Seu tema é a transição, sempre renovada, entre a novidade e a rotina, que resulta em assimilação e crescimento. Correspondentemente, a psicologia anormal é o estudo da interrupção, inibição ou outros acidentes no decorrer do ajustamento criativo” (Perls; Hefferline; Goodman, 1997, p. 45).

Para os gestaltistas, o perfil de um indivíduo poderia ser analisado a partir do estudo histórico das interações entre organismo e ambiente e seus necessários ajustamentos (ou interrupções). Tal abordagem pode contribuir para o desenvolvimento de modelo para análise de perfis, principalmente em relação a três aspectos:

- a incorporação do método fenomenológico à prática clínica;
- a integração da Teoria de Campo de Kurt Lewin para a compreensão do comportamento humano;

- a visão de comportamento como um fenômeno cíclico, fruto da interação entre organismo e ambiente.

Começando pela fenomenologia, sua proposta é buscar a suspensão temporária de tudo o que se sabe previamente sobre o objeto estudado para, a partir do contato entre o pesquisador e o fenômeno, dentro dos limites espaço-temporais do experimento, buscar descrever a realidade em seus aspectos essenciais. Somente após esse contato e descrição, o pesquisador volta à teoria e busca, a partir das características do fenômeno descrito, possíveis referências que o auxiliem. Fenomenologia é, antes de tudo, “uma análise descritiva da existência, por isso mais que uma filosofia, é um jeito de estar no mundo e é um método de treinamento para o trabalho” (Ribeiro, 2011, p. 87).

Para o analista de perfil, as implicações em se adotar a fenomenologia enquanto método são radicais, pois significam uma organização das etapas do trabalho que partem do sujeito analisado para a teoria e jamais o inverso. Antes de tudo, o analista deverá buscar conhecer o objeto de estudo em sua existência, ou seja, inserido no contexto de suas atividades, fruto de seu histórico e singular em relação a outros possíveis objetos de estudo, ainda que possua relação com eles.

Somente após a coleta de dados e a elaboração de uma primeira descrição sobre o indivíduo faz sentido recuperar as teorias da aprendizagem, do desenvolvimento e da personalidade para, finalmente, submeter o alvo a uma matriz analítica. Em outras palavras, a ideia de um

método fenomenológico é evitar o erro básico de se buscar encaixar a realidade nas teorias conhecidas pelo analista, permitindo, inclusive, a incorporação e o desenvolvimento de novas teorias em relação ao tema pesquisado.

Além do método fenomenológico, a abordagem gestáltica traz, em sua compreensão do comportamento humano, as noções de *espaço vital e campo*. Exponente da psicologia social a partir do pós-Segunda Guerra, o psicólogo alemão Kurt Lewin estudou o comportamento humano como função resultante da interação entre múltiplas variáveis que interagem, tanto com o sujeito quanto entre si, formando uma configuração única chamada espaço vital. Este seria determinado pela “totalidade dos fatos que determinam o comportamento de um indivíduo em um dado momento” (Lewin, 1936, p. 12), o conjunto das possibilidades de contato, seja a partir de uma dimensão física, seja a partir de uma ótica biopsicossocial.

Numa perspectiva temporal, enquanto fator de influência no comportamento, a teoria de campo preocupa-se com o tempo presente. Para Lewin (1936), é um fato lógico que o comportamento presente não poderia responder a variáveis advindas do passado, mas apenas a representações psicológicas desse passado. Em relação ao futuro, ocorre o mesmo processo, pois o que o indivíduo pode experimentar não é o futuro em si, mas as expectativas e estimativas que é capaz de elaborar. E tal processamento, obviamente, ocorre no momento atual, estando, de modo similar ao passado, sujeito a constantes reavaliações.



Essas representações psicológicas, de modo bastante semelhante ao postulado pela teoria da aprendizagem social, são o material de trabalho do analista de acordo com a teoria de campo. Para a análise de perfil, a implicação é uma visão de comportamento humano como resultante da interação de múltiplas variáveis, formando um campo de forças, num dado espaço de tempo. Tal interação de vetores resulta em uma reconfiguração do espaço vital, desdobrando-se em novos processos e comportamentos inteiramente novos. Bloom, notando a utilidade da teoria de campo para a análise de perfil, afirmou:

*“A profiler could note on a Levinian schematic how aware or not an individual might be of internal and external events, how likely or not adaptive and nonadaptive goals can be identified and attained by the individual, and how the external and inner worlds are perceived with implications for an individual’s behavior”.* (2013, p. 65).

Assim, o esquema inicial proposto por Skinner, amplia-se significativamente tanto a partir da inclusão dos processos cognitivos (Bandura) quanto pela visão mais complexa e menos determinista trazida pelos gestaltistas a partir do método fenomenológico e da teoria de campo. É a partir dessas linhas teórico-metodológicas, diversas, mas complementares, que se propõe a construção de uma metodologia de análise de perfil para a Inteligência de Estado.

## MÉTODOS

A análise de perfil, também conhecida como *profiling* (Konvalina-Simas, 2012; Bloom, 2013; Correia, Lucas e Lamia, 2007), tem recebido significativa atenção

tanto por parte de pesquisadores quanto por parte de profissionais oriundos de forças de segurança pública, defesa e inteligência, principalmente a partir da Segunda Guerra Mundial (Mello, 2017).

A abordagem de análise de perfil para a Atividade de Inteligência aqui apresentada baseou-se na metodologia descrita por Bloom (2013) e nas teorias da Psicologia anteriormente apresentadas. O modelo foi construído tendo como pressuposto a fenomenologia, respeitando a necessária ordem dos procedimentos de acordo com o método fenomenológico: suspensão de interpretações prévias (*a priori*); contato com o objeto de estudo; retorno aos campos do saber; e análises e sínteses.

Cabe ressaltar que a intenção deste trabalho não é explicar os motivos que levam as pessoas a adotar determinados comportamentos (por exemplo, o extremismo). Não se tratou aqui de elaborar uma teoria geral do comportamento e da personalidade, mas de se analisar e compreender o comportamento de alvos de Inteligência a partir de uma metodologia e de um marco teórico já estabelecido. Não se buscou, portanto, fazer Psicologia, mas utilizar a Psicologia enquanto ciência aplicada, para se fazer Inteligência.

Construção de um modelo de Análise de Perfis – tarefas básicas

Segundo Bloom (2013), a elaboração de perfil passa por duas tarefas essenciais: o desenvolvimento de uma matriz e o desenvolvimento de uma narrativa. A matriz seria uma representação dos dados coletados a partir do estabelecimento de sua relevância e da relação entre causas

e consequências para o evento analisado. Já a narrativa seria a interpretação e a formalização da matriz, convertida em estrutura textual, gráfica ou oral útil para a compreensão do fenômeno. Aqui foi proposto o desdobramento das tarefas básicas em cinco etapas distintas, fundamentais para o atingimento dos objetivos propostos.

A primeira etapa é determinar exatamente qual o objeto da elaboração de perfil. Segundo Bloom, “qualquer um, ou qualquer coisa pode ter o seu perfil traçado” (2013, p. 3, tradução nossa). A essência da análise de perfil divide-se em “predizer, peri-dizer, pós-dizer, compreender e influenciar um evento de interesse” (Bloom, 2013, p. 3, tradução nossa). A definição do indivíduo e do evento é, portanto, de fundamental importância para se determinar o caminho a ser seguido pelo analista. Evento refere-se a qualquer acontecimento em relação àquilo que se deseja conhecer. Pode ser:

- um comportamento — por exemplo, gritar com um colega de trabalho, rezar cinco vezes ao dia;
- uma característica — o peso, a altura, a cor da pele, a religião, a personalidade;
- um fato — acidente de trânsito na segunda pela manhã;
- uma declaração ou manifestação de uma ideia — o alvo ter declarado que todos os multiculturalistas deveriam arrepender-se ou serem mortos;
- quaisquer outros dados que

auxiliem na compreensão da situação analisada.

Assim sendo, o primeiro passo para o analista de perfil é detalhar as intenções do demandante, ou seja, quem é o alvo e em que contexto ele se torna uma pessoa de interesse.

A segunda etapa seria conhecer o objeto da análise, ou seja, coletar e buscar dados a respeito do alvo. Partindo do princípio de que toda coleta implica um recorte da realidade, o foco será no contexto levantado na etapa anterior. Neste ponto a chamada Inteligência em fontes abertas (*open source Intelligence* – OSINT) passa a ter papel central. Alguns pesquisadores têm apontado caminhos interessantes nessa área.

Seneviratne et al. (2014) demonstraram como é possível inferir, com relevante probabilidade de acerto, cinco características pessoais de indivíduos (país, língua, religião, solteiro ou casado, possui filhos ou não) a partir de uma única foto da tela de aplicativos de seus *smartphones*. Segundo Achara, Acs & Castelluccia (2015), a relação de aplicativos instalados em um telefone móvel costuma ser tão única que, a partir de uma lista de aplicativos, contando com o auxílio de técnicas de aprendizagem de máquinas disponíveis no mercado, é possível identificar com precisão um único usuário em uma base de dados contendo 54.893 inscritos. Chittaranjan, Blom e Gatica-Perez (2011) foram capazes de classificar a personalidade de 83 indivíduos em fatores de um teste clássico de personalidade (*Big-Five personality traits*) a partir de metadados

de telefones móveis (histórico de ligações, histórico de SMS, log de conexões *bluetooth* e dados de uso de aplicativos).

Além da coleta em fontes abertas, a Atividade de Inteligência tem à disposição a capacidade de obtenção de dados de difícil acesso, por meio do acionamento das operações. Também conhecidas como *ações de busca*, podem ser definidas como o “emprego de ações especializadas para a obtenção de dados negados e a contraposição a ações adversas, em apoio aos ramos Inteligência e Contra-inteligência” (Brasil, 2016, p. 45).

Por meio das ações operacionais, o analista de perfil pode ter a oportunidade de direcionar a obtenção dos dados necessários para o desenvolvimento do seu trabalho, obtendo acessos privilegiados, que podem ser decisivos para a formulação de hipóteses e conclusões. É, portanto, fundamental a capacidade de atuação sinérgica entre o analista de perfil, seu demandante, outros analistas do caso e a fração operacional da instituição.

A terceira etapa da análise de perfil seria a elaboração da matriz, ou seja, a sistematização dos dados obtidos. Ferramentas de informática voltadas à produção de planilhas, gráficos, fluxogramas e mapas mentais são especialmente úteis neste momento.

É importante, de um ponto de vista fenomenológico, evitar o viés normalmente trazido pelo conhecimento teórico-prático anterior, prevenindo a contaminação de juízos e raciocínios recém-formados, com hipóteses preconcebidas, não diretamente

relacionadas a eles. A análise deve começar pelo alvo, tal qual ele se mostra para o analista, como uma *gestalt*, ou seja, uma totalidade dotada de significado, ainda que se saiba que os dados são, pela própria natureza do trabalho de Inteligência, apenas uma parte do todo. Neste momento inicial, o *campo* formado pelos dados obtidos deve ser resguardado ao máximo em relação ao *campo* dos conhecimentos prévios do analista de perfil. O trabalho consiste em organizar, descrever, representar e estabelecer conexões entre os dados.

A quarta etapa seria o retorno aos campos do saber acadêmico, bem como a outros conhecimentos prévios julgados úteis em relação ao alvo e ao contexto de sua atuação. Tal qual o postulado na Doutrina Nacional de Inteligência (Brasil, 2016), neste momento serão elaborados ideias, juízos e raciocínios para, numa etapa seguinte, formularem-se hipóteses a respeito do alvo. É o momento de se buscar responder às perguntas feitas pelo cliente da análise. Aqui entram conhecimentos de Psicologia, mas também de quaisquer outras disciplinas necessárias ao entendimento dos eventos analisados. É fundamental que equipes de análise de perfil sejam multidisciplinares, na medida em que os fenômenos humanos são multidimensionais.

O peso relativo de certas variáveis, por exemplo, a vivência da religiosidade por um alvo de contraterrorismo, poderia ser muito mais bem compreendida por alguém que conheça aquela religião e o contexto de suas manifestações. Seria praticamente impossível opinar sobre radicalização caso o analista não conheça o que são

as expressões e manifestações típicas de um determinado credo ou ideologia. Da mesma forma, obviamente, aspectos do idioma, expressões de uma determinada subcultura, hábitos e tradições, ou comportamentos típicos para certo grupo precisam ser analisados a partir de uma compreensão profunda do ambiente nos quais ocorrem.

O trabalho nesta etapa consiste em comparar a matriz analítica desenvolvida com o quadro teórico de referência, perguntando a todo o momento se, na literatura acadêmica, ou mesmo na produção anterior de Inteligência, existe algo que ajude o analista a compreender melhor o objeto do seu trabalho. A ideia, conforme já ressaltado, é partir do alvo para as teorias, dos dados para a produção anterior, abrindo-se, portanto, o necessário espaço para que o caminho já percorrido pela Inteligência seja, inclusive, refutado, sempre de acordo com os dados disponíveis.

Perguntas típicas nesta fase seriam a respeito das classes de comportamentos desenvolvidas pelo alvo, dos modelos de referência que ele parece ter adotado, dos ambientes e círculos sociais que frequentou e de como eles podem ter influenciado seu comportamento (campo e espaço vital). Com que palavras ele descreve sua visão de mundo e o que isso diz sobre suas representações do mundo em cada um dos quesitos que o analista deverá responder.

A última etapa é a elaboração de uma narrativa. A sistematização e conversão do trabalho em um produto a ser integrado em um processo de Produção

de Conhecimentos de Inteligência. A narrativa pode ser produzida na forma de um texto, mas não se descartariam outros formatos, como uma apresentação oral, uma produção gráfica ou um vídeo, tanto como materiais de apoio quanto como o produto principal.

A intenção da narrativa é, antes de tudo, tornar-se fração significativa em conhecimento de Inteligência, no formato que for necessário a depender do contexto e das necessidades do usuário.

## **O FLUXO DO TRABALHO**

É natural, como seria de se esperar em qualquer trabalho de Inteligência, que os dados obtidos possam levar o analista a redefinir a situação-problema inicial. Também seria natural que as hipóteses pudessem ser modificadas a partir do aparecimento de novos dados ou que novas necessidades do cliente venham a surgir, dado o contexto dinâmico da atuação de altos decisores estatais. Sobre essa questão, Martins de Paula concluiu:

“A velocidade das mudanças e a interdependência observadas atualmente criam um ambiente complexo, organizado em redes, diferente do que a ideia de “ciclo de inteligência” deixa transparecer. Processos estanques, com funções bem delimitadas, são pouco eficazes nesse contexto”. (2017, p. 13).

A única exceção aqui seria em relação à quarta tarefa (formulação de hipóteses), sobre a qual deve ser mantida a cautela para que novas hipóteses surjam apenas após nova análise da matriz de perfil (terceira tarefa).

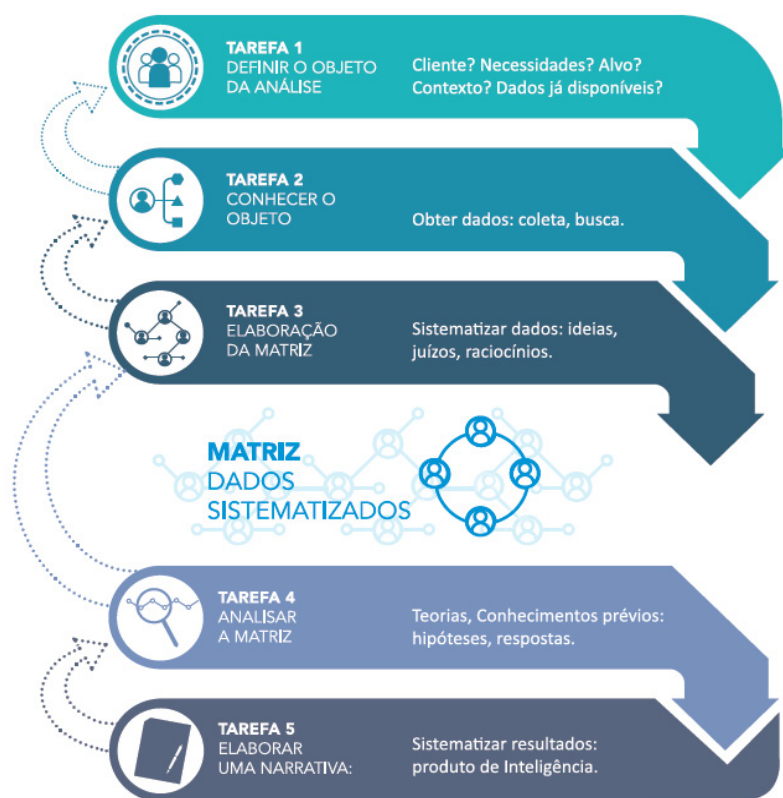


Figura 1: modelo de análise de perfil para a Atividade de Inteligência (elaboração própria)

Na Figura 1, temos a representação gráfica do modelo aqui desenvolvido, com a sequência de etapas (tarefas) necessárias à construção do perfil. As setas à direita representam a passagem à etapa seguinte após a conclusão de uma tarefa, enquanto as setas pontilhadas à esquerda indicam o possível retorno a etapas anteriores em caso de necessidade (dados adicionais, novas demandas, hipóteses concorrentes). A distância entre as tarefas 3 e 4 é a maior de todas e, entre elas, encontra-se a representação da matriz de perfil. Isso serve para enfatizar a necessidade de atenção aos dados obtidos, antes de se partir para a elaboração de juízos

raciocínios e hipóteses.

## **DISCUSSÃO E CONCLUSÃO – APLICAÇÕES, LIMITAÇÕES E UTILIDADE**

Mello (2017) apresentou casos de utilização da técnica para a análise do comportamento de dignitários estrangeiros e da liderança de uma célula, alvo de uma operação de contraterrorismo. Bloom (2013) discute as aplicações da análise de perfil em diversos campos da Atividade de Inteligência, tais como a espionagem, o contraterrorismo e as operações de propaganda e desinformação. O autor também aborda

a questão do gerenciamento de fontes humanas ao discutir o perfil psicológico de um espião. Nesses casos a elaboração de perfis torna-se crucial, tanto para a busca de adequação entre possíveis fontes humanas e as características de cada missão quanto para a escolha de estratégias de gerenciamento adequadas por parte dos profissionais a cargo da gestão de fontes.

Sobre esse último tópico, Randy Burkett, membro da equipe de historiadores da Central Intelligence Agency (CIA), publicou estudo defendendo a aplicabilidade de princípios de persuasão classicamente utilizados na área do *Marketing* para o gerenciamento de diferentes perfis de fontes humanas (Burkett, 2013). A lógica indica que estudo do perfil de uma fonte humana (atual ou potencial) fornece pistas extremamente úteis para a customização de uma abordagem para o seu recrutamento e gerenciamento.

Retomando a discussão inicial, a análise de perfil é uma ferramenta útil para a Inteligência por possibilitar o foco na dimensão individual, aprofundando o conhecimento produzido e agregando maior capacidade preditiva em relação aos temas abordados. Perfis construídos a partir de metodologia de pesquisa sólida e calcados em teorias já estabelecidas na área de Psicologia tendem a apresentar confiabilidade e consistência. Tais características são fundamentais para contrabalançar uma carência típica do trabalho de Inteligência, que é a baixa disponibilidade de dados e a não cooperação dos indivíduos estudados.

Neste ponto destaca-se uma característica

típica da maior parte das análises de Inteligência. Uma vez que não se pode contar com a cooperação de alvos e nem do cenário analisado, a metodologia adotada pelo analista precisa ser rigorosa e bem fundamentada, em prol das melhores conclusões possíveis diante dos dados disponíveis.

O modelo apresentado nesse trabalho é uma versão inicial, a ser validada a partir da sua aplicação em alvos de Inteligência, atuais ou frutos de trabalhos anteriores, de modo a comparar as conclusões advindas da aplicação do modelo com os resultados originais. A etapa subsequente seria a realização de ajustes no modelo e novas aplicações para aferição das contribuições e melhorias trazidas ao arcabouço ferramental já existente. Em uma terceira etapa, haveria padronização de procedimentos e treinamento e desenvolvimento de profissionais capacitados a aplicar a análise de perfil nos diversos campos de atuação da Inteligência. Com o trabalho entrando em produção, passar-se-ia à última etapa, que é a constante avaliação de resultados e eventual implementação de melhorias.

Longe de ser uma solução mágica e definitiva ou um método obscuro e distorcido da Psicologia, a análise de perfil define-se pela utilização de metodologia científica e teorias consolidadas para superar as dificuldades de um campo de trabalho permeado por adversidades. Se assim considerada, tornar-se-á ferramenta de aprofundamento de análise e apoio à decisão nos mais variados níveis da cadeia de produção de conhecimentos de Inteligência.

## REFERÊNCIAS

- ACHARA, J. P.; ACS, G.; CASTELLUCCIA, C. On the Unicity of Smartphone Applications. *ACM CCS Workshop on Privacy in Electronic Society (WPES)*, Denver, Colorado, 2015. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/1507.07851>.
- BANDURA, A. *Social Learning Theory*. New York: General Learning Press, 1971
- BANDURA, A. *Moral Disengagement How People Do Harm and Live With Themselves*. New York: Worth Publishers. Macmillan Learning, 2016.
- BLOOM, R. *Foundations of Psychological Profiling: Terrorism, Espionage, and Deception*. Boca Raton: CRC Press - Taylor & Francis Group, 2013.
- BORUM, R. Radicalization into Violent Extremism II: A Review of Conceptual Models.. *Journal of Strategic Security*. Produced by The Berkeley Electronic Press, 2011.
- BRASIL. Presidência da República. Gabinete de Segurança Institucional. Agência Brasileira de Inteligência. *Doutrina Nacional da Atividade de Inteligência: fundamentos doutrinários*. Brasília: Abin, 2016.
- BRASIL. Lei nº 9.883, de 7 de dezembro de 1999. Institui o Sistema Brasileiro de Inteligência, cria a Agência Brasileira de Inteligência - ABIN, e dá outras providências. *Cadernos de Legislação da Abin*, Brasília, n. 3, 2017. Disponível em: <http://www.abin.gov.br/conteudo/uploads/2015/05/aiBrasil-v3-jan17.pdf>.
- BURKETT, R. Rethinking an Old Approach – An Alternative Framework for Agent Recruitment: From MICE to RASCLS. *Studies in Intelligence*, CIA – Center for the Study of Intelligence, v. 57, n. 1, 2013. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/center-for-the-study-of-intelligence/csi-publications/csi-studies/studies/vol.-57-no.-1-a/index.html>.
- CEPIK, M. *Espionagem e Democracia*. Rio de Janeiro: FGV, 2003.
- CHITTARANJAN, G.; BLOM, J.; GATICA-PEREZ, D. Who's Who with Big-Five: Analyzing and Classifying Personality Traits with Smartphones. 15th Annual International Symposium on Wearable Computers. San Francisco: Institute of Electrical and Electronic Engineers, 2011. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/document/5959587>.
- CORREIA, E.; LUCAS, S.; LAMIA, A. *Profiling: Uma Técnica Auxiliar de Investigação Criminal*. *Análise Psicológica*, 4 (XXV): 595-601. ISPA – Instituto Universitário. Lisboa, 2007.
- GRIBAUDI, M. La Lunga Marcia Dela Microstoria: dalla politica alla stetica. In:

ANGELI, Franco. *Microstoria: a venticinque anni da l'ereditá immateriale*. A cura di Paola Lanaro.. Milano, 2011.

KONVALINA-SIMAS, T. *Profiling Criminal. Introdução à Análise Comportamental no Contexto Investigativo*. Lisboa: Rei dos Livros, 2012.

LEWIN, K. *Principles of Topological Psychology*. New York. McGraw-Hill Book Company Inc., 1936.

MARTINS DE PAULA, M., F. *Atualidade do Gerenciamento Baseado em Comando e Controle nas Operações De Inteligência*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso CAI/2017/Turma 1) – Escola de Inteligência, Agência Brasileira de Inteligência, Brasília, 2017.

MELLO, A. F. V. *O Emprego da Psicologia na Atividade Finalística de Inteligência Uma Proposta de Elaboração Técnica de Perfis Psicológicos de Dignitários Estrangeiros*. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso CAI/2017/Turma 1) - Escola de Inteligência, Agência Brasileira de Inteligência, Brasília, 2017.

MORAVCSIK, A. *Liberal International Relations Theory: A Social Scientific Assessment*. Weatherhead Center for International Affairs. Harvard University. Cambridge, 2001.

PERLS, F.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. *Gestalt-Terapia*. São Paulo: Summus.

REVEL, J. *Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado*. *Revista Brasileira de Educação*, v. 15, n. 45, set./dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v15n45/03>

RIBEIRO, J. P. *Conceito de Mundo e de Pessoa em Gestalt-Terapia - revisitando o caminho*. São Paulo: Summus Editorial, 2011.

SENEVIRATNE, S.; SENEVIRATNE, A.; MOHAPATRA, P.; MAHANTI, A. *Predicting User Traits From a Snapshot of Apps Installed on a Smartphone*. *Mobile Computing and Communications Review*, New York, v. 18, n. 2, 2014. Disponível em: <https://dl.acm.org/citation.cfm?id=2636244>.

SKINNER, B. F. *Science and Human Behavior*. The B.F. Cambridge: Skinner Foundation, 2005.

WHALEY, D.L.; MALLOT, R. W. *Princípios Elementares do Comportamento: volume 1*. São Paulo: EPU, 1980.

WHALEY, D.L.; MALLOT, R. W. *Princípios Elementares do Comportamento: volume 2*. São Paulo: EPU, 1981.



A ANÁLISE DO PERFIL DE ALVOS NA ATIVIDADE DE INTELIGÊNCIA: UMA PROPOSTA  
TEÓRICO-METODOLÓGICA

Artigo recebido em 19/05/2020  
Aprovado em 19/08/2020